

À época, o Setor de Periódicos da Biblioteca Pública do Paraná ficava no segundo andar do prédio localizado bem no centro da cidade de Curitiba. Neste Setor, era comum que várias pós-graduandas e vários pós-graduandos de diferentes instituições se encontrassem, buscando suas fontes ou já na fase da leitura. Era um período anterior à existência da Hemeroteca Digital – BNDigital, da Fundação Biblioteca Nacional, portanto, passavam-se horas e horas nas leitoras de microfilme. As regras da Biblioteca Pública para utilização das leitoras estabeleciam que cada pessoa podia utilizar uma máquina por duas horas, não sendo possível, por exemplo, reservar a manhã toda. Tornou-se comum, portanto, as pessoas reservarem duas horas, darem um intervalo de duas horas e voltarem; nessa toada, era usual ficar o dia todo na Biblioteca. Neste espaço, quando desenvolvia minha pesquisa de doutorado (2010-2014), me aproximei de uma pessoa com a qual já tinha tido algum contato no campus Reitoria, da Universidade Federal do Paraná, mas sem muita proximidade. Eu sabia que ela pesquisava imigração germânica. Na convivência na Biblioteca, fui percebendo que a pesquisadora em questão (ao menos assim interpreto), ao investigar as associações teuto-brasileiras na Curitiba de fins do século XIX e início do XX, acabou por se interessar pelas populações afro-brasileiras e suas organizações. Com efeito, passamos a nos encontrar também nos Encontros *Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*.

Foi ao mesmo tempo uma surpresa e uma satisfação saber que Pamela Beltramin Fabris e eu estudávamos temas inseridos dentro do recorte denominado hoje de pós-Abolição. Neste processo, confesso que fiquei mais próximo da produção de Pamela do que da pessoa em si. Pesquisadora incansável, de gentileza ímpar para com as e os colegas, em especial aquelas e aqueles envolvidos com a temática, compartilhava experiências de pesquisa, fontes, bibliografias, possibilidades de abordagem da documentação, estabelecendo um diálogo sempre agradável. O seu passamento é uma daquelas situações difíceis de compreender, mas com as quais é necessário aprender a conviver. Em sua brevíssima passagem por este plano existencial, Pamela Beltramin Fabris nos legou uma obra relevante tanto sobre a população teuto-brasileira em Curitiba quanto sobre o associativismo negro na capital do Estado do Paraná no pós-Abolição.

Assim sendo, a Revista Vernáculo, ao oferecer ao público o dossiê *Construindo a liberdade: a problemática do pós-Abolição no Paraná*, sob organização de Noemi Santos da Silva e Daniele Weigert, entendeu ser mais do que relevante trazer um texto de Pamela Beltramin Fabris. O texto não é inédito,

¹ Doutor em História, Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Paraná.

portanto, a Vernáculo agradece ao Grupo de Pesquisa CNPq *A experiência dos africanos e seus descendentes no Brasil* e ao Projeto *Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, responsável pelos Encontros *Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, por autorizar a reprodução do artigo *Representações do negro na imprensa curitibana (1889 a 1918)*, publicado originalmente nos *Anais do VII Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, que ocorreu nos dias 13 a 16 de maio de 2015, na Universidade Federal do Paraná. Agradecemos especialmente a Regina Xavier, por seu inestimável auxílio neste processo. A Revista Vernáculo também expressa sua gratidão aos pais de Pamela, Silmar Fabris e Gelsi Maria Beltramin, por autorizar a reprodução do referido texto no dossiê desta edição.

Pamela, muito obrigado pela convivência, muito obrigado pelo seu legado.

Recebido em 06/02/23 aceito para publicação em 17/02/23.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

Revista Vernáculo n.º 51 – primeiro semestre/2023

ISSN 2317-4021